

Saúde. Contrariando seus médicos, Marcelo Rezende adotou dieta cetogênica, que corta carboidratos e açúcar para supostamente matar o tumor; profissionais ouvidos pelo 'Estado' são unânimes em dizer que método é incapaz de substituir tratamento convencional

Morte de jornalista que largou quimio levanta debate sobre terapia alternativa

Fábio de Castro

Diagnosticado no início de maio com um câncer de pâncreas em estado avançado – com a metástase atingindo o fígado –, o jornalista e apresentador de TV Marcelo Rezende, de 65 anos, logo iniciou o procedimento recomendado para esse caso: o agressivo tratamento com medicamentos quimioterápicos. Em 13 de junho, porém, Rezende anunciou que abandonara a quimioterapia após a primeira sessão, contrariando seus médicos, para tentar um tratamento alternativo com base em uma dieta.

O caso ganhou repercussão nacional e levantou o debate sobre os riscos de trocar a quimioterapia por tratamentos sem base em evidências científicas, como dietas, exercícios, suplementos, vitaminas, massagens, ervas, acupuntura e meditação. O jornalista morreu anteontem e seu corpo foi enterrado ontem no Cemitério Congonhas.

Embora afirmem que as terapias alternativas possam mesmo ajudar o paciente a enfrentar os severos efeitos colaterais da

quimioterapia, os estudos e os especialistas consultados pelo Estado são unânimes: esses métodos podem ser usados de modo complementar, mas não têm eficácia comprovada contra o câncer e são incapazes de substituir o tratamento convencional.

No caso de Rezende, a terapia alternativa escolhida foi a chamada dieta cetogênica, que se baseia em evitar açúcar e carboidratos. Desde que deixara a quimioterapia, o apresentador passou a realizar viagens para receber o tratamento alternativo em Juiz de Fora (MG), onde atua o cardiologista, nutrólogo e autor de livros de autoajuda Lair Ribeiro, um dos principais defensores da dieta cetogênica.

O conceito por trás da dieta cetogênica é bastante simples: as células cancerosas precisam de glicose para crescer e, ao evitar o consumo de carboidratos e açúcares, o paciente cortaria a alimentação do tumor, fazendo-o regredir por inanição.

O oncologista clínico André Sasse, coordenador do Centro de Evidências em Oncologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é taxativo: esse tratamento simplesmente



RAFAEL ARBEX / ESTADAO

Velório reúne amigos e fãs

O corpo do jornalista Marcelo Rezende foi velado ontem na Assembleia Legislativa de São Paulo por amigos e fãs e enterrado no Cemitério Congonhas.

ciente para de comer açúcares, o corpo vai produzir glicose do mesmo jeito”, explica.

De volta ao passado. Sasse afirma que o tratamento convencional tem evoluído com os avanços científicos e tecnológicos e que vários tipos de câncer já são curáveis com quimioterapia, mesmo em estado avançado. “Abandonar um tratamento testado e aprovado e substituí-lo por terapias alternativas é o mesmo que retroceder 20 anos, quando não tínhamos tratamentos tão eficazes”, diz.

O oncologista Helano Freitas, coordenador de Pesquisa Clínica do A. C. Camargo Cancer Center, explica que no caso do câncer de pâncreas, quando se descobre a metástase, é muito raro que o paciente sobreviva mais de um ano sem tratamento. Ele cita um estudo britânico de 2006: “Com quimioterapia ou radioterapia, 58% dos pacientes estavam vivos após um ano. Sem eles, não havia sobreviventes depois de um ano. O risco de morte ao longo do primeiro ano foi 66% maior entre os pacientes que não faziam o tratamento recomendado”, disse.

não funciona. “A dieta cetogênica é totalmente anticientífica, assim como as dietas para ‘alcalinizar’ o organismo. Não faz sentido do ponto de vista biológico. O tumor vai continuar crescendo”, disse Sasse.

A opinião é compartilhada pelo também oncologista clínico Felipe Ades, do Hospital Israelita Albert Einstein. Ele lembra que a ideia da dieta cetogênica foi proposta pela primeira vez pelo americano Raymond Rife,

em 1931. “Ele foi genial ao seu tempo, mas lhe faltava conhecimento, como da estrutura do DNA, só descoberta em 1953. Mais tarde foi provado que alterações celulares – e não a glicose – causam o câncer. Se o pa-

Outras estratégias são só complemento

Médicos fazem ressalva apenas quando paciente não tem nenhuma chance de cura com tratamento convencional

Especialistas ouvidos pelo Estado defendem que dietas e terapias alternativas, não fundamentadas em evidências científicas, podem ser boas como tratamento complementar.

“Mas devem se limitar a isso, jamais se pode abrir mão dos tratamentos com resultados comprovados. Os hábitos saudáveis e as atividades físicas devem ser estimulados, mas não substituem tratamentos”, diz o oncologista clínico André Sasse, coordenador do Centro de Evidências em Oncologia da Unicamp.

Há uma ressalva. Quando os médicos sabem que o paciente não poderá ser curado, eles podem interromper a quimioterapia – especialmente em casos avançados nos quais a pessoa não sobreviveria o suficiente para se beneficiar do tratamento.

“Mas caso exista alguma chance, é preciso fazer a quimioterapia, mesmo com os impactos na qualidade de vida. Se não for feita, o câncer vai crescer e aí sim a pessoa perderá mais qualidade de vida, com dor, fadiga, enfraquecimento”, explica o oncologista Felipe Ades, do Hospital Israelita Albert Einstein.

Os dois citam um artigo publicado em agosto na prestigiada revista científica *Journal of the National Cancer Institute*, que revela os impactos deletérios das terapias alternativas no trata-

mento de pacientes de câncer.

O estudo, da Universidade Yale (EUA), mostrou que as terapias sem base científica estão ligadas a taxas mais baixas de sobrevivência. Os cientistas avaliaram 840 pessoas com tumores colorretal, de mama, próstata e pulmão. Após cinco anos, 78,3% dos que usaram tratamento convencional estavam vivos, ante 54,7% dos que optaram por terapia alternativa. “O estudo mostrou que, em alguns tumores, o risco de morte dobra entre os que abandonam o tratamento convencional. As pessoas estão trocando algo que funciona comprovadamente para 90% dos pacientes por uma terapia que não foi estudada, ou que simplesmente não funciona”, diz Sasse. /F.C.



NA WEB
Portal. Estudos recentes apontam risco de terapias

estadao.com.br/e/canceralternativa

PARA LEMBRAR

Jobs se tratou com suco e erva

Um dos casos mais célebres de opção por tratamentos contra o câncer sem base em evidências científicas é o do fundador da Apple, Steve Jobs. Ele foi diagnosticado com câncer de pâncreas em 2003 e chegou a fazer uma cirurgia no ano seguinte. Mas, de acordo com o biógrafo

Walter Isaacson, a doença voltou, Jobs adiou sistematicamente as terapias recomendadas e optou por se tratar apenas com sucos de frutas, acupuntura, ervas e outros tratamentos, alguns encontrados na internet. O empresário morreu em outubro de 2011.

As terapias tradicionais chinesas foram a escolha da atriz Xu Ting, que comoveu a China ao morrer aos 26 anos, no dia 7 de setembro de 2016. Ao

anunciar nas redes sociais que sofria de um linfoma – um câncer no sistema linfático –, a atriz afirmou que não faria quimioterapia, optando pela acupuntura, por um tratamento que usa copos para fazer sucções pela pele e pela técnica gua-sha, que consiste em uma dolorosa raspagem do corpo. Em seus últimos dias, Xu chegou a recorrer à quimioterapia, mas já era tarde. /F.C.